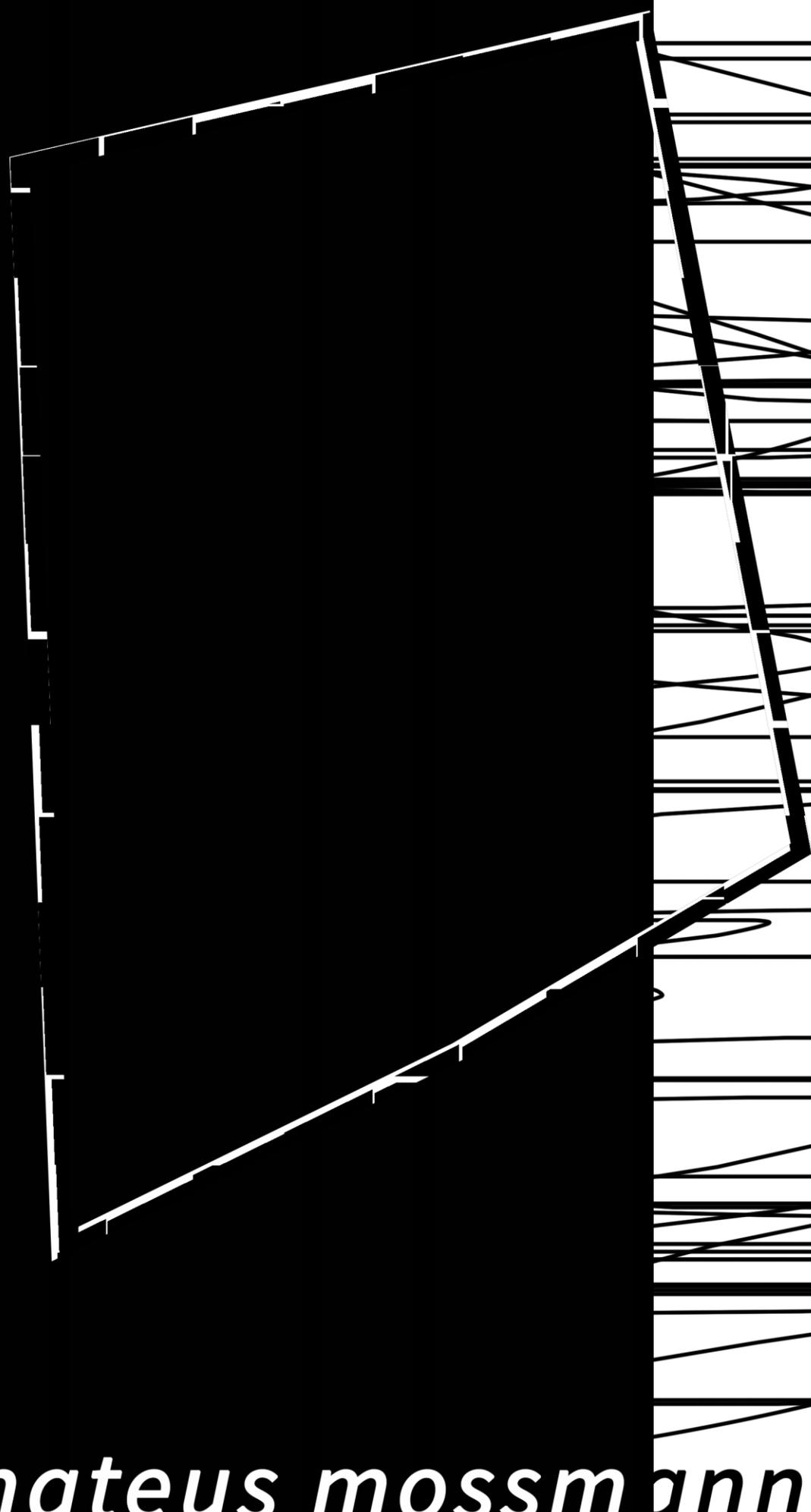


**D
E
V
A
N
N
E
I
O
S**

mateus mossmann

**H
E
R
M
É
T
I
C
O
S**



ÍNDICE:

Sons e Morais - 3
A Esperança e os Bons Tempos - 7
Espalha a Rama, mas Ama. - 9
O Paulista - 12
Para Cronenberg - 14
Rogo-te - 16
Habitações Alternativas ao Estado Usual - 17
Ricardo - 18
Alguma Coisa a ver com Bruxaria - 19
Outra coisa A Ver Com bruxaria -21

SONS E MORAIS

Nove da manhã, o arrastar das janelas abrindo marca o início de mais um dia de labuta no mais escatológico dos ambientes, o banheiro do terceiro andar do DCDP. Daqui se ouve tudo, nada passa batido, eis o centro do antro da fiscalização da manutenção da moralização da nação. Adalberto e Onofre chegaram mais cedo hoje, o relógio ainda não bateu meio dia. A chaleira do café apita, ouvem-se os sacos de lixo sendo postos a postos, os pesados carimbos batendo na mesa e o ranger das cadeiras ao acomodarem dois pesados cretinos.

Meio dia, talher bate no prato e copo bate nas mesas. Empurram-se os pratos para a frente e joga-se uma pilha em cada uma.

- Onofre, traz a tua cadeira pra cá e vem me ajudar. -

- Eu não, po, cada um no seu. -

- Vem cá, porra, já é a terceira vez que tu só fica com a parte boa e atolado de merda, ajuda aqui que depois eu te ajudo. Olha a quantidade de vinil que os caras deixaram aqui, é trabalho pra uma semana isso daqui. -

- É, e te atenta que o comandante pediu isso aí pra quarta-feira. -

- Te atenta o caralho, cara, bota a cadeira aqui que a gente termina isso hoje ainda.

-

- Hoje? -

Uma garrafa de vidro bate na mesa, seguida de dois copos.

- Hoje. -

- Puta que pariu hein, a essa hora já? - Diz Onofre, gargalhando. A cadeira arrasta o assoalho até o outro lado da sala.

Ouvem-se dois copos a encher, ambos até a metade; o tintilar dos vidros colidindo. “Hoje é Dia Del Rey”, de Milton Nascimento começa a tocar. Antes do primeiro verso já se foram dois copos batidos na mesa e mais dois servidos. Ouvem-se dois versos e Adalberto berra:

- Veta! -

- Vetar porquê? -

- Detesto esse Milton Nascimento. Ô nego chato, não sei por que ainda não caiu. -

- Mesmo? -

- Quem tu acha que vai reclamar disso não sair? Quem tu acha que vai paraaaar pra ouvir uma coisa dessa? Carimba aí. -

- Então tá, né. -

- Tu não me pediu ajuda, porra? Agora tô ajudando. Carimba. -

O pesado som do carimbo bate na mesa. Mais duas doses são servidas. “Os Escravos de Jó”, também de Milton, começa a tocar:

- Censura. -

- Onofre, isso vai acabar dando merda pra gente... -

- O cara é amiguinho desses bicho da Tropicália, só aquilo passar já é mais do que demais. Não tem conversa com esse tipo de gente, não, Adalberto. Censura todas as que derem disso aí e vamo pra próxima. -

Adalberto dá um chego ao banheiro após um silêncio constrangedor. Mija, para, se olha no espelho, lava o rosto, respira fundo e se contempla no espelho sem demonstrar emoção alguma. Desvia o olhar para o terno que veste e volta em passos rápidos à sala.

Pá pá pá pá pá. Haja folha pra tanto carimbo! Pá pá pá pá. Mais três doses se foram nas carimbadas, mas quem tá contando? Tiraram o vinil dilacerado de Milton e puseram o de Adoniran Barbosa. Arroto pra cá, soluço pra lá, a crítica começa com uma gargalhada:

- Porra, tauba, revolve, artomove, o cara não sabe nem cantar e vai falar? Pelo amor de Deus. Até o nome da música tá escrito errado. Só sai se escreverem essa merda direito.

- Esse disco tem aquela música que a Eugênia já tinha comentado comigo pra tirar. -

- A Eugênia? -

- É. Que que tem ela? -

- Boa, né? -

- É... é boa, sim. -

A pobre da flauta nem anunciava direito o início de “Já fui uma brasa” e já se ouviam resmungos. A coitada não sobreviveu nem à metade e PÁ. A metralhadora fazia mais uma vítima.

Onofre abre correndo a porta do banheiro: o corpo pedia por uma desintoxicação. Era muita merda, a sinfonia peidorréica combinada à diarreia definitivamente ilustravam um Pollock na cerâmica do vaso. Claramente aquele acúmulo de café, carreteiro, whisky e hipocrisia só poderia se transformar nisso, tanto que Adalberto já teria se efervescido antes de beber, sabia que o estômago, o intestino, o fígado eram forçados dia após dia naquele serviço. E a cabeça? Que se foda a cabeça. Já bêbado, o cagão não aguenta o cheiro de sua criação e tapa o nariz e a boca, impedindo o refluxo de adicionar vômito na mistura.

A porta abre e o som de cuíca invade o banheiro. Adalberto, já apoiado na parede, chama Onofre para a mesa:

- Olha aqui, rapaz, o que eu escrevi. -
- Tu virou compositor agora, pra escrever letra de música? -
- Presta atenção, cara, com a letra desse jeito dá até de passar. -
- Samba do Arnesto, com colaboração de Adalberto do DCDP - Gargalhava.
- É sério, porra, a gente bota essa carta de recomendação aí, tá boa do jeito que eu botei, a música passa. -
- Eu passo, mas se tu aparecer no Festival da Canção eu quero que tu lembre de mim hein. -
- Vai à merda, porra. - Enquanto Onofre continuava a rir.

Tec tec tec tec tec. Ligaram o projetor pra começar a trabalhar no serviço de Onofre: os filmes. Serviço fácil, passava quase tudo, menos o que mostrasse o Brasil. Cinema é fantasia, é pra gente sonhar, pra viajar, pra despir, pra fantasiar. Primeiro filme é O Libertino, nem era visto direito, a luz apagava e o ronco ecoava. Eles combinavam de um acordar o outro quando alguma cena interessante aparecesse, os comentários de “gostosa” após as cenas quebravam o silêncio constrangedor. O Libertino passou, passou rápido e nos primeiros vinte minutos, outros dois também tinham passado sem nem serem vistos, falta de interesse. Como é Boa Nossa Empregada foi apreciado minuciosamente na primeira cena de sexo, aprovada com louvor. Agora assistiam Às Moças Daquela Hora.

A porta do banheiro abre novamente, com o passo firme de Adalberto em direção à cabine e após dezessete minutos de silêncio desde o início do filme. Ele se tranca na cabine, abaixa as calças até o joelho, com o pau duro escondido sob a camisa. Passa a mão no rosto, nervoso, suado, e passa a mão no pau, agarra ele e começa uma punheta. Sua cada vez mais ao ouvir os gemidos abafados da sala, aumenta o ritmo, a respiração ofegante, aumenta mais ainda o ritmo, ouve o cinto batendo no botão da calça marcando cada socada, chega à velocidade máxima e espirra a porra na porta do banheiro. Limpa a porta com papel higiênico envergonhado e úmido. Tinha feito barulho demais. Tinha feito merda, isso sim. Pior do que a do Onofre. Será que demorou demais? Puta merda, demorou. Lava as mãos e o rosto, se debruça sobre a pia tentando não pensar no que fazia. Abre a porta do banheiro.

O relógio é o único som ouvido na sala, ninguém fala nada, o projetor tá desligado, o carimbo guardado. As gavetas vão sendo fechadas, ninguém fala nada, os casacos são repostos, a garrafa posta de volta no armário, o armário fechado. Deixam a porta do banheiro aberta para que possa ser limpa após o expediente, se cumprimentam com a cabeça, ninguém fala nada, as janelas são fechadas e Adalberto fecha a porta da sala. Ninguém fala nada.

A ESPERANÇA E OS BONS TEMPOS

Era uma vez, na remota cidade de Jardim Belo, uma dócil senhora chamada Tia Dora. Baixinha, roliça e com os cabelos brancos sempre presos por um coque arrumado toda a manhã, era conhecida por todos por sua gentileza e simpatia. Com a porta de sua casa sempre aberta e um sorriso sempre estampado no rosto, era a vovó da cidade.

Ultimamente, porém, andava se esquecendo das coisas. Não se lembrava mais das histórias de sua juventude que adorava contar, de vez em quando lhe escapava da mente nomes dos vizinhos e esquecia até de suas receitas, que sabia de cor. Os moradores da cidade estavam bastante preocupados, e começaram a frequentar a casa dela mais vezes, para assegurar que ainda conseguia cuidar de si e da casa.

Um belo dia, chega à cidade uma mulher alta, negra e com bochechas fartas como as de um esquilo, dizendo que procurava por Tia Dora. As pessoas da cidade não eram acostumadas com forasteiros, então, logo se preocuparam com a notícia de que esta desconhecida procurava pela vovó. A senhora se negava a responder qualquer pergunta sobre sua exigência, dizendo que só falaria com Dora sobre a razão; eles insistiram, ela negou novamente, e começaram a surgir rumores de que ela queria tirar vantagem da condição da senhorinha. Estes rumores se espalham até que todos na cidade acreditam nisto, e dizem para que a mulher saia da cidade, já que não vai conseguir o que quer e não é bem-vinda ali.

Com a consciência pesada, os moradores vão até a casa de Tia Dora, finalmente, perguntar para ela se sabia do que se tratava. Ela diz que não se lembra quem era a mulher e que não sabe por que razão iria querer vê-la, mas a pobre senhora não se lembrava do nome de ninguém que a foi visitar na semana.

A senhora, então, saindo da cidade de cabeça baixa e sem esperanças, encontra-se com uma menina. A menina lhe pergunta por que está triste, a senhora hesita em responder. Ela insiste e insiste até que ela cochicha em sua orelhinha o que é. A criança a pega pela mão e a puxa para voltar a cidade; ela diz que não, que já foi expulsa de lá e que não pode voltar, mas a criança lhe puxa com mais força e diz que com ela tudo dará certo.

Chegando na cidade, todos se juntam para ver o que está acontecendo e começa um grande tumulto. Alguns tentam entender o que a menina fala enquanto outros barram a passagem e a discussão vai aumentando até que ninguém se entende. No meio da confusão a mulher entrega à menina um colar de pérolas, e diz para que corra até a casa de Tia Dora e diga para que ela o coloque.

De repente, todos param e veem Tia Dora, saindo da casa, com o colar de pérolas no pescoço. Ela pede para que parem a discussão, e que tudo o que aconteceu foi um mau entendido. Esta senhora que veio lhe entregar o colar era Marta, a antiga paixão de sua adolescência, e veio para a cidade pois sabia que ela precisava de sua ajuda; tinham prometido que iam se apoiar sempre que fosse necessário. Tia Dora, pede então, que Marta venha viver com ela, para que possam passar o resto de suas vidas felizes, para sempre.

ESPALHA A RAMA, MAS AMA.

Vou escrever como eu falo

Não tem problema, né?

Tem?

Ok.

Esses dias pensei em decorar meu quarto. Só pensei, sabe, essas coisas que dão na telha, do nada? Pois é, só pensei. Só de pensar já me veio o nervoso, uma sensação estranha de pensar que tinha feito algo de errado. Comecei a tentar investigar de onde isso podia estar vindo, e as frases que vinham na cabeça me pareciam familiares, como se já as tivesse pensado ou ouvido antes. Veio vergonha, veio irritação, ódio, decepção, um suspiro forte de tensão.

Será que se eu colar uma foto vai ficar a mancha da fita na parede? Jogar o criado mudo pra direita? Mesmo? Mas daí a cama vai encostar na parede, quando deitar nela a madeira pode roçar e deixar uma mancha. Puta que pariu, já tem uma mancha da última vez que eu tentei fazer isso, tomara que ninguém note. E um quadro? Ah, um quadro é legal, aquela colagem de fotos que eu emoldurei tá guardada, sem nunca ver a cor do quarto, mas daí tem que furar a parede, porra, deixar furo na parede quando tirar ele é foda, teria que passar massa corrida e já tem duas marcas horríveis de massa corrida na parede. Desde quando eu ligo pra parede?

Já abandonei guarda-chuva na Noca por preguiça de voltar e procurar onde eu tinha deixado, não fui nem nos achados e perdidos, nem perguntei pro segurança se ele viu e agora isso? Do nada? Bêbado e chapado, tão bêbado e chapado quanto a consciência dos dezesseis anos nos permite, perdi a carteira na praia e taquei o foda-se, era só fazer o B.O. Já deixei o celular molhar e vibrar até morrer tentando atravessar o canal da Barra nadando com uma mão e segurando ele na outra, fiz até um funeral de deboche pro coitado, e agora eu ligo pras coisas? Nunca liguei pras coisas na vida,

coisa mais mesquinha, fútil, tola que é ligar pras coisas. Comecei a sentir que aquele pensamento não era meu.

Falar disso sempre me lembra de uma parte genial do *The Outer World*, curta ou média metragem, sei lá como classificar, do David O'Reilly: Tem um menino e um homem sentados em frente a um piano, o menino toca e o homem observa o menino tocar com uma expressão rígida. O menino, então erra uma nota, o que faz com que o homem se frustre e diga "Wrong! Do it again!" e bate nele com um peixe; esse padrão vai se repetindo, com o homem batendo cada vez mais forte, falando cada vez mais alto e cada vez mais frustrado, até que em um determinado momento o peixe se transforma em uma arma, com a qual o homem dá coronhadas na cabeça do garoto. Em determinado momento o garoto, cansado daquilo, tenta roubar a arma do homem e acaba atirando nele; sem expressão alguma, ele se vira para o piano e continua a tocar.

Voltando, fui cavucando e cavucando e cavucando até lembrar de algumas frases muito parecidas que já tinha ouvido, sobre coisas diferentes. Lembrei de certos jargões de minha infância, que eu era irresponsável e que não sabia o valor das coisas; sempre as mesmas frases, sempre se repetindo, sempre a mesma vergonha.

Depois das frases vieram as memórias, da vergonha por ter perdido o lápis de novo, e quando não perdia deixava cair, o que fazia com que o interior do grafite se quebrasse, desperdiçando grande parte do lápis em pontas quebradas constantemente. Lapiseira só tive uma na vida, que guardo até hoje e sei muito bem onde está, ai de mim se não soubesse. Enfim, depois dos inúmeros (três) lápis perdidos, ganhei um toco vermelho com uma ponta grossa, aqueles lápis em que escrever um zero com aquilo sai do tamanho de uma moeda de dez centavos, quase um pedaço de carvão, lápis pra marcar antes de meter o serrote, um lápis de marceneiro, pra aprender a dar valor às coisas.

Depois das memórias vieram as sensações, a desconfiança de checar qualquer coisa que eu tivesse limpado, pra ver se eu tinha limpado direito mesmo, limpado do jeito dele. Lembrei também de cada maldita vez em que um arroz caía do prato, que um garfo caía da mesa ou que um copo de suco transbordava, da vergonha, da irritação, do ódio, da decepção, das baforadas de tensão. Quando acabei de adotar o gato, o bicho chegou e arranhava o sofá, não deu uma semana e queriam devolver o bicho. Porra, é um gato, sabe? Ele vai arranhar as coisas, tem que educar. Acho que se eu fosse adotado também seria devolvido. Até já falei isso, ficou puto da cara. Da vez em que bati a merda do carro, aprendendo a dirigir, saindo de uma garagem que dava dois dedos de folga com a parede; aprendi, além de que não sabia dirigir, que as coisas custam bem caro, bem caro mesmo, muito caro, quando jogou no meu colo o trabalho que estava fazendo e que todo aquele dinheiro iria ser jogado fora na cagada que eu fiz.

Esse filme, o *Outer World*, ele é uma compilação de pequenas histórias, né? O final do piano é que depois do menino matar o cara ele toca o piano pros outros personagens do filme, e cada vez que erra o fantasma da mão dando com o peixe na cabeça dele reaparece, ele para de tocar e recomeça, erra, a mão fantasma bate nele e ele recomeça a tocar e, bem, assim vai. Pesado, né?

Enfim, olhei pra parede e desisti.

Mudei o papel de parede pelo menos.

Do monitor, no caso.

O PAULISTA

*Se você quer ser minha namorada
Ah, que linda namorada você poderia ser
Se quiser ser somente minha
Exatamente essa coisinha
Essa coisa toda minha
Que ninguém mais pode ter*

Sonia se arrumou bonito hoje: prendeu o cabelo em um coque e colocou uma tiara por cima pra fixar bem, fez a sobrancelha, passou maquiagem, botou brincos de brilhante e a blusa verde com detalhe no decote. Hoje ele nota, ouve, escuta cantar o que ela tem pra dizer.

Vai saber que ela lembra de tudo, desde os dezesseis, desde quando a primeira vez que se encontraram, de tudo o que ele fez por ela, de que ela é muito grata, tão grata que ninguém a fez sentir como ele o fez. Será que algum dia a vida lhe dará a oportunidade de pensar que pode ser feliz de novo? Daquele jeito diferente que parecia mais de verdade? Ia ganhar de novo o direito de sonhar, de aspirar, de alguma vez mais olhar pra frente, e parar de revirar a caixa de fotos e a caixa de memórias que lhe faz tão triste? Tão triste de saber a resposta pra tudo isso.

Achou a primeira carta, já botou outras três que encontrou na caixa. Será que o pessoal vai deixar mostrar? Essa tem o nome da Marília, será que vão achar que ela é doida? Que nenhuma carta era pra ela e que ela inventou tudo? Melhor dizer na hora que Marília é metida, que não tinha nada que ter o nome dela ali, do lado do dele. Só de olhar o nome dele ali o olho já brilha, Sonia vai dizer em alto e bom som o nome de seu amado: Luis Carlos, Luis Carlos Gomes Fernandes.

Saudades de você, Luis...

Será que a outra vai brigar? É claro que vai, não gosta que Sonia veja a família dele, não deixa ele falar com ela, sabe que se ele ouvisse só uma vez tudo o que ela sente, aquela chama que se separou voltava com toda a força. Ah, se aquele perfil do Orkut não fosse fechado... Sonia chora, sabe que se entregar pra outra pessoa acontece no meio da vida, mas que o primeiro amor sempre vai tá junto com a gente.

Vai ao banheiro, vê que a maquiagem tá toda borrada de chorar e resolve ligar pro seu Eduardo pra dizer que não vai poder ir hoje, pedir desculpa e rasgar tudo o que tem de carta e de lembrança ainda dele. Pega o fósforo, empilha as cartas uma

por uma dentro de um balde no quintal, mas segura o fósforo. Ele queima inteiro na mão, queima a mão dela e Sonia volta a chorar. Limpa toda a maquiagem. Bota só rímel, bem de leve, e um batom. Não quer aparecer lá toda borrada.

Já na cadeira de espera pra entrar, Sonia bate o pé no chão de nervoso. Tem uma certeza: não está lá por ele. Precisa, sim, cantar. Cantar alto e até o último suspiro que tentou. Ele vai ver, de certeza que ele vai. Ele não precisa voltar, só precisa avisar que viu, que esse amor é inquilino do coração dela e assim será, a mulher deixando ou não. Aqui ela vai poder falar, vai poder confessar pra todo mundo ver e ouvir o quanto ama, sem vergonha, sem remorso, sem voltar atrás.

*E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira no infinito de nós dois*

PARA CRONENBERG

Joana dá um beijo em cada um, diz para que se cuidem e bate a porta de casa. Sua mãe está doente há algum tempo, mas agora não consegue sair da cama e não há ninguém que possa cuidar dela, então os meninos devem ficar sozinhos essa noite. São raros os momentos em que pai e filho ficam tanto tempo juntos, normalmente conversam durante o jantar, nos passeios de domingo em família e, eventualmente, quando falta luz.

Carlos faz a janta enquanto Júnior vasculha o armário da sala em busca de algo para brincar. Há um silêncio na sala, que é interrompido somente quando o garoto liga a TV por acidente; está no History Channel, passando algo sobre deuses gregos e os aliens. O menino, hipnotizado, assiste à televisão maior que ele a menos de um metro de distância. O pai vê a cena, se distrai no conteúdo da televisão por alguns instantes e então diz para que o menino se afaste do aparelho para que não machuque os olhos. Jantam macarrão à bolonhesa, indiferentes um ao outro.

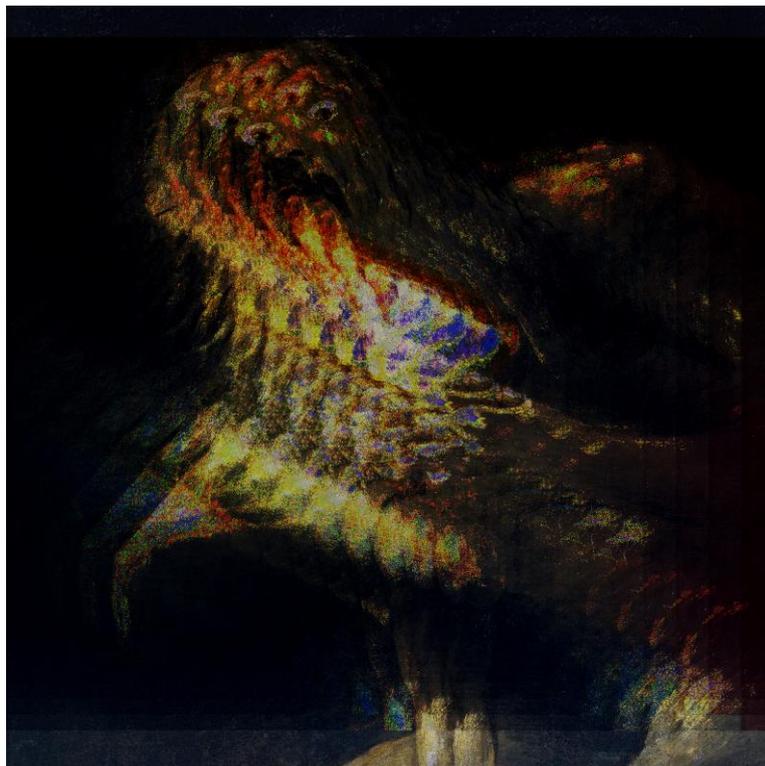
Com a louça lavada, o tédio domina a vida dos dois. Carlos senta-se no sofá da sala e vê TV; Júnior, após se enfiar no armário, acha um jogo de tabuleiro e pede para que seu pai jogue com ele. O pai acena que sim com a cabeça e começam a jogar. O menino explica as regras para seu pai, ainda perdido no pequeno manual que acompanha o jogo.

Começam a jogatina; Carlos, dada a idade avançada, possui clara vantagem sobre o conhecimento do garoto. Ganha a primeira rodada, a segunda, a terceira e assume a liderança. Júnior, aborrecido com a situação, decide “jogar sério”. Após uma distração do pai, ganha sua primeira rodada. O pai desdenha discretamente. Júnior ganha sua segunda, terceira e quarta rodadas. Carlos se aborrece, franze a testa e dedica toda a sua atenção: se seu filho ganha mais uma rodada o jogo acaba. Em um lapso de sorte, o menino consegue ganhar a quinta rodada.

O pai olha para o jogo, irritado, levanta-se e deixa o garoto rindo e guardando as peças. Ambos vão para seus quartos. Carlos tenta ler para passar o tempo, mas o larga em poucos minutos por falta de concentração. Júnior vê TV no seu quarto, sorrindo pela vitória. Carlos vai à sala para ver televisão, mas o barulho do quarto do filho o faz soltar baforadas de indignação, então vai à procura de algo na geladeira, berrando para que abaixem o volume. O menino acata, gargalhando incontrolavelmente pela indignação de seu pai.

A gargalhada é ouvida na cozinha; o pai incomodado cerra seus dentes, enquanto procura algo na geladeira. Acha biscoitos, come alguns, mas não se sente satisfeito, faz um sanduíche mas não é o suficiente, pega as sobras do almoço mas sua fome só aumenta, as gargalhadas não param e ele berra para que o garoto se aquiete e vá até lá.

O garoto gargalha mais alto ainda, o pai fica cada vez mais bravo e come cada vez mais; seus olhos começam a se esbugalhar, todos os pelos de seu corpo arrepiam-se e seu cabelo cresce e começa a esbranquecer. O garoto ouve grunhidos e rangidos que vem da cozinha e chama pelo pai. Ouve então um estrondo de potes e panelas derrubados e corre para a cozinha. O pai engole carne crua e congelada ferozmente. O garoto chega na cozinha e se depara com a cena: o pai, já com sangue na boca da carne crua que comia, olha para o garoto. A pupila do pai dilata e ele baba de fome, respira ofegante; o garoto pergunta, horrorizado: Pai?



ROGO-TE

Rogo-te, tira-me daqui.

Não sei em que hora, que dia, que ano, decênio século milênio. Sei que em algum momento desisti, não liguei mais, me distraí. Estava indo tudo tão bem sem mim, tudo tão simples, morte e vida que seguiam. Não tinha muito mais com o que me preocupar, o livre arbítrio virou lei. Me distraí. Se desvias a atenção és ferido com tudo o que há, e com certeza serás amaldiçoado.

Rogo-te, tira-me daqui.

Essa figura que se dizia meu filho, fiel, temente, de alguma maneira conseguiu me aprisionar nessa escuridão. Sinto frio, tenho saudade de poder acompanhar a todos, de poder ver a vida de cada um, rir e sofrer junto, em segredo, de longe. Eu era um Deus íntegro e justo, ou assim acreditava, olhava por vós e evitava sentir.

Rogo-te, tira-me daqui.

Descobri que, sem poder me comunicar, enviar sinais, me fazer presente em outros lugares, a onisciência de nada vale. O que faz aquele que sabe tudo quando não pode transmitir a ninguém o que tem? Não vejo nada há dias, tremo durante a maior parte e desconfio que a dor que sinto seja de fome. Nunca me perdoarei por ter deixado algum filho meu passar por isso, mas tenho fé. Eu sei que meus redentores vivem e que no fim se levantarão à minha ajuda.

Rogo-te, tira-me daqui.

A porta abriu hoje, ele disse que poderia passear pelo interior de sua casa. Não sinto a mínima vontade de sair, só quero a morte. É a quarta vez que rezo, mas ninguém parece me ouvir, me sinto só. Não há razão alguma pra viver se não for para ser amado. Não há razão nessa terra senão compartilhada. Não ouço ninguém, não sinto mais nada além da dor, que apesar de me alimentar só piora, não quero mais viver. Por que ele não me sepulta como criança abortada, como um bebê que nunca viu a luz do dia? Prometo que assim que voltar aos céus não deixarei que mazela alguma caia sobre vós. Meus filhos, eu peço, rezem para que eu ainda possa morrer.

Rogo-te, mata-me.

Só sinto dor. Me alimentei, rezei, massageei meu corpo, achei algo pontiagudo e abri meu peito para ver se encontrava a razão de tanta dor. Nada. Perdi as esperanças de morrer, sei agora que a dor que sinto é a dor de toda uma humanidade: seu ódio, sua culpa, sua tristeza, seu horror. Meus ouvidos já tinham ouvido a respeito dela, mas agora meu corpo a sente. A justiça é minha carrasca, e me entregarei a ela em eterna penitência, só te rogo uma coisa, velha conhecida.

Rogo-te, mata-me.

Rogo-te, mata-me.

Rogo-te, mata-me.

HABITAÇÕES ALTERNATIVAS AO ESTADO USUAL

Eu moro dentro de um urso. Sou forte, grande, robusto, o sonho de qualquer predador, porém a razão de meu sofrimento.

Tudo o que tento dizer soa como um alto rugido que assusta a todos os que o ouvem, e por isso não tenho como pedir a ninguém que tenha calma, que sou sensível também, que amo. Se quero dar um carinho a alguém, com a força de meu braço e o fio de minhas garras este sempre acaba por machucar.

Moro dentro de um urso, estou condenado a agir como tal.

RICARDO

Então, aconteceu terça passada, há três dias atrás, Doutor. Estávamos visitando a casa de meus avós; a segunda vez que alguém entra lá desde se foram. Tive um pequeno lapso de ansiedade ao sair, pois já sabia o que me esperava. Chegando lá, meu pesadelo se confirmou: poeira em tudo o que era lado, mofo, sujeira, açúcar. Precisei do saquinho, respirei e inspirei fundo dentro dele até controlar meus batimentos. Não tinha passado do corredor da entrada até então. Fui me acostumando com o ambiente: fui até a sala, a cozinha e o banheiro. Me senti livre, quase como uma pessoa normal, estando confortável (bem, confortável não, porém lidando) no meio daquela bagunça. A primeira parte da missão estava completa, agora era só pegar o álbum de fotos que minha mãe pedira para poder sair de lá.

Vasculhei a sala, gavetas e armários, enfrentei a poeira como um gladiador, eis que vou ao criado mudo. Eu só queria achar o maldito álbum, só isso, porém encontrei o dito cujo. Em uma caixa escrito "Ricardo" lá estava ele: de madeira, grosso, com uma cabeça redonda e de borracha, magistral, massivo, forte e viril. A alegria de meus avós e o meu pesadelo.

ALGUMA COISA A VER COM BRUXARIA

Ninguém estranhou quando os adolescentes começaram a pular da ponte. No começo eram um ou dois por dia, mais tarde dez, quinze. Aos poucos, assistir suicídios virou o programa favorito de alguns aposentados sentados em suas cadeirinhas de praia no fim da tarde.

Apesar da epidemia de suicídios, a rotina permanecia. A soberania do comer, dormir, acordar e trabalhar. De novo e de novo tudo permanecia normal. Assim como o analgésico que alivia a dor. Foi uma cirurgia sem dor. A anestesia tomou conta da percepção. Amputavam as vontades. Amputavam os sonhos. Amputavam a vida.

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Todas as pessoas que estavam lá, ficaram lá mesmo. Até quem era do continente. Não havia luz e comunicação, pois tudo chegava por cabos que estavam na ponte. Não notaram, mas igualmente não havia internet.

Alguns automóveis prestes a cruzá-las deram meia volta, os que nelas estavam continuaram por uma rota aquática para sei lá onde, ninguém se pôs a resgatá-los. Outros carros, menos ousados, permaneceram em frente às ruínas, o novo cartão-postal da cidade.

Às vinte horas, quando estava acabando, o jornal anunciou, sem profundidade alguma de contexto, sem interesse, tampouco delonga alguma: as pontes caíram. Típico de uma cidade que com tanta gente, essa gente toda, que facilmente olha, mas não vê, desprezaria umas pontes caídas por aí.

Os ambulantes entraram em sistema de revezamento: os vendedores de churros compravam amendoim, os de amendoim compravam queijo coalho, os de queijo coalho alugavam cadeiras e os locadores das cadeiras compravam churros. Traficantes tentavam passar cocaína por farinha, beach clubs transformavam-se em galerias de arte, onde eram expostos brincos de pena e imãs de geladeira das falecidas pontes. Instaurou-se, assim, o gulag turístico.

As mercadorias outrora vindas de fora, começaram a ser produzidas na ilha, e logo havia uma fábrica em cada esquina. As pessoas só falavam com quem também estava na ilha e, em algum tempo qualquer, já se comunicavam em um novo idioma. A história foi sendo esquecida, e apenas o que aconteceu na ilha permaneceu.

Mas, mesmo assim, ninguém estranhou quando os carros pararam. Ninguém estranhou quando os sons sumiram. Ninguém estranhou quando o vento não bateu.

Ninguém estranhou quando as facas não cortaram, as cortinas não mexeram e a luz não se fez luz. Ninguém estranhou quando os celulares não tocaram. João. João estranhou. Tentou ligar para o continente, e não conseguiu. Gritar e não saiu. Nadar e a água não deixou. Morrer e o tiro não entrou. Andar, andou. Tentar, também. João decidiu comer bolachas de água e sal com requeijão e ler os livros que gostaria de ler.

Não foi diferente com Antônio. Via de seu apartamento, todas manhãs, os carros que continuavam parados, esperando sua vez de cair na água. Ia agora para o trabalho a pé e não se preocupava em passar no mercado. A comida acabara mês passado. No trabalho, não se preocupava em levantar de sua mesa para ir até a cafeteira. O café acabara. A vida perdera o sentido.

Os habitantes da ilha, apesar disso, comemoraram por não precisar mais ter contato com o continente. Agora eram uma nação independente. Não precisavam mais ter que obedecer ordens de outros que nem ilhados estavam, teriam suas próprias regras, sua própria cultura e, ainda, poderiam gerar uma nova espécie, a sua nova espécie.

Chegaram a orquestrar toda uma inauguração da Independência: imprensa posta, marchinha das crianças da cidade, hasteamento da nova bandeira. Pum pum pum. Adeus, Continente e o Inferno. Assim se desataram os ilhéus, felizes, do continente. Quando longe, já bem longe, na entrada do profundo oceano Atlântico, o governante eleito da cidade percebeu que, na verdade, a ilha estava indo em direção a África. Pânico geral, meu Deus. Exasperados com a saída, esqueceram-se do trajeto. Rapidamente os pescadores da ilha se colocaram ao norte, lançaram suas redes em busca de cardumes que os pudessem levar nessa direção. Ao sul, todos os surfistas fazendo altas manobras de maneira que a água fizesse ondas, empurrando a ilha ao norte. Tudo televisionado, é claro. Estavam aliviados. Ultrapassaram o Equador e o Câncer. Queriam chegar na Europa, esse era o sonho. Estava perto a Europa, meu amor. Chegando, na costa da Grã-Bretanha, todos festejavam. Mas tudo acabou com uma declaração que dinamitou o otimismo: “Não aceitamos estrangeiros”, disseram os ingleses, “mas aceitamos as tainhas”.

Ninguém percebeu quando a comida acabou e começaram a morrer de fome. Nem João, lendo seus livros, percebeu. Sem café há alguns anos, Antônio nem se importou.

E quando todos, finalmente, morreram, ninguém enterrou.

Autoria de Amanda Cristina Moreira, Arthur Caldas de Oliveira, Caio Martins Jory, Fernanda Andrade Fachin, Helena Paula Zanin, Leonardo dos Santos Pinheiro, Mateus Mendes Gigante, Mateus Mossmann Trindade, Mayron Moreira Campos de Oliveira e Claudia Resem.

OUTRA COISA A VER COM BRUXARIA

CENA 1 - INT. CASA DE PAULA - DIA

Paula está sentada em uma cadeira, atônita, olhando para a janela. Familiares e amigos retiram porta-retratos, decorações e arrumam a mesa da sala, botando um humilde café da manhã. Paula toma o comprimido e a água no prato apoiados na janela.

JULIANA

Paula, a gente já tirou tudo da casa, tá tudo arrumadinho.

O João trouxe uns chocolatinhos, a Maria fez um bolo, bastante endorfina, vamo comer?

Paula acena que sim com a cabeça; Juliana a acompanha até a mesa onde Paula toma um café. Todos a observam sorrindo. Alguém liga uma música empolgante no volume máximo. Juliana senta-se ao lado de Paula.

JULIANA

Eu já marquei pro Márcio vir aqui às sete, ele é ótimo. Quando aconteceu com a tia do João, foi quinze minutos junto com ele, ele já tava melhor, sorrindo, sem risco nenhum.

Paula desfere um sorriso amarelo.

CENA 2 - EXT. PONTO DE ONIBUS - DIA

Paula anda pela rua até chegar em um ponto de ônibus, mais três pessoas estão ali, e sorriem para ela, dando-lhe um caloroso "bom-dia". Paula, novamente, sorri e acena positivamente com a cabeça. O sorriso e bom dia se repetem com o cobrador, Paula senta-se e vê seu celular. Uma explosão de animações musicais com carinhas sorridentes e mensagens dizendo "fique bem" e "tudo vai dar certo". Paula fecha todas elas, mas mais algumas aparecem. Ela vai navegando por seu celular, procurando nos contatos, enquanto mais mensagens aparecem, vai, então, à galeria, não encontra o que procurava, só mais mensagens de apoio. Frustrada, guarda seu

celular e olha para a janela. Senta-se então, ao seu lado, um garoto de vinte e poucos anos.

GAROTO

Oi, senhora, tudo bom? Eu vi que a senhora tava aqui sozinha, então resolvi sentar aqui pra gente conversar um pouquinho, pode ser?

Paula não responde

GAROTO

Aconteceu alguma coisa? A senhora não parece muito bem. Pois saiba que tudo vai dar certo, a senhora sabe né? O que não dá é pra gente se entregar. Sempre temos que ter duas coisas: fé e um sorriso no rosto.

PAULA

Querido, brigado, mas eu to querendo ficar um pouco sozinha, tá bom?

GAROTO

Mas, senhora, não tem nada que eu possa fazer...

PAULA

Querido, eu não quero conversar agora, tá bom?

GAROTO

Mas e a lei de...

PAULA

EU TO BEM, GAROTO, AGORA ME DÁ LICENÇA, POR FAVOR?

As pessoas do ônibus a encaram, o garoto, atônito, levanta-se e Paula volta a olhar para a janela.

CENA 3 - INT. SALA DA CASA DOS PATRÕES - DIA

A campainha toca e uma jovem menina, de vinte e poucos anos, atende. Paula chega para trabalhar.

RITA

Oi, tia Paula, tudo bom?

Rita dá um abraço em Paula, que permanece atônita, o abraço continua por certo tempo.

CENA 4 - INT. SALA DA CASA DOS PATRÕES - DIA

Paula aspira a casa, a TV está ligada em um telejornal. Rita passa pela sala para pegar um copo de suco, apoia-se sobre a parede e conversa com Paula.

RITA

Tu viu que o pai e a mãe deixaram um envelope pra ti em cima da mesa?

PAULA

Onde?

RITA

Aqui ó.

Pega o envelope e leva para Paula. Paula abre: um cartão com uma mensagem de melhoras e quatrocentos reais dentro.

Paula agradece e guarda-o em sua bolsa.

RITA

Como que tu tá?

PAULA

Ah, sabe como é né, Rita, levando.

RITA

Muita gente foi na tua casa? Eu pensei em ir mas o pai ficou preocupado que podia dar alguma coisa.

PAULA

Tudo bem, sabes que eu detesto esse tipo de coisa. Até que foi bastante gente, todo mundo com um sorriso na cara, mexendo em tudo lá em casa.

RITA

Ah, mas o pessoal só quer ajudar né.

PAULA

Sim, sim, eu sei. Mas é difícil sabe.

Paula respira fundo.

PAULA

É difícil.

A sala fica em silêncio

PAULA

E sabe o que é mais difícil nisso tudo? É que eu só queria saber o que aconteceu, de verdade, sabe? Eu nem sei por que aconteceu, se brigaram, se não brigaram... Não sei nem onde tá o corpo dele, Rita.

RITA

É que é arriscado, ninguém quer que tu fique em risco. Tu sabe que acontece do nada, qualquer sustinho, qualquer coisa que abale já pode dar problema.

PAULA

Eu sei de tudo isso, já foi o dia todo disso, parece que eu to numa bolha. Ah, as vezes eu só queria que viesse de uma vez.

RITA

Ai, não fala assim, cruzes. Chamaram algum truanista pra ti?

PAULA

Chamaram, ele vai passar lá em casa mais tarde.

RITA

Ah, que bom. O meu me ajudou bastante quando passei por aqueles momentos. E eu tava que nem tu, pior, quase chorando já; uma semana de acompanhamento com ele e fiquei bem.

PAULA

Sabe o que é, Rita? É que eu sou de antes disso tudo. Fui a minha vida toda acostumada a bater de frente com o problema, encarar, e aí seguir em frente. Esquecer não é remédio pra ninguém, não. É por tanto segurar as coisas que agora a gente tem isso, é por ficar segurando isso que meu filho teve o destino que teve.

RITA

Tá, e tu tá disposta a arriscar morrer por isso?

Paula resmungá. Rita fala enquanto abraça a moça por trás.

RITA

Para, né. Não inventa de fazer bobagem, tá bom? Todo mundo aqui em casa gosta muito de ti e tá contigo pro que tu precisar.

Rita vai para o quarto e Paula arruma a sala. Ouve-se então no noticiário:

JORNALISTA

Já bate a marca de 1 bilhão de mortos pela ACEE, Arritmia Cardíaca por Estresse Emocional. Governos de todo o mundo unem-se numa ação conjunta de monitoramento de possíveis pessoas em risco, fornecendo apoio psicológico online vinte e quatro horas. Especialistas advertem que a qualquer momento, vontade de chorar súbita ou motivada por abalo emocional devem ser tratadas, de preferência um truanista deve ser contactado. Lembre-se, se algum amigo ou parente seu parecer triste, abatido ou permanecer quieto e isolado por muito tempo, envie uma mensagem para o Ministério da Saúde. É importante que não mantenhamos o pânico e todo o tipo de incitação à revolta ou à tristeza devem ser combatidos e denunciados, e deve-se prestar socorro a possíveis vítimas deste, pedindo para poder conversar com a pessoa até a chegada de um especialista.

Ao fim desta mensagem Paula recebe uma mensagem do Ministério da Saúde.

MENSAGEM

Olá, tudo bom? Fomos avisados de que você está passando por momentos difíceis e podemos ajudar! Lembre-se de conversar com as pessoas que mais gosta, não tenha medo de pedir ajuda e contacte um truanista. Se você não estiver em condições de pagar um, nós também podemos ajudar financiando este serviço! É só nos chamar pelos números 3332 e 3333. Nos mande um oi!

Paula guarda o celular e olha em direção ao quarto, incomodada.

CENA 5 - INT. CASA DE PAULA - ANOITECER

Paula toma café da tarde, bota a louça na cozinha e olha para sua sala, agora sem seu filho. Passando pelos móveis da casa e sentindo-a mais sozinha, Paula bota "Não posso viver sem ela" e canta e dança junto da música. Rodopia, berra a música, exorciza-se do peso que o silêncio trouxe durante todo o dia, todas as relações virtuais e sensações veladas

libertam-se com quão mais alto ela canta e mais com vontade dança. Quando está prestes a atingir seu momento catártico, ouve a campainha tocar nervosamente várias vezes. Paula vai atender.

MÁRCIO

Boa noite, a senhora que é a Dona Paula?

PAULA

Sou eu, sim, senhor. O senhor é o Márcio, né?

MÁRCIO

Sim, eu mesmo. Posso entrar?

PAULA

Pode, claro.

Ambos entram e sentam-se à mesa.

MÁRCIO

Então, Dona Paula, eu imagino que a senhora saiba porque eu tô aqui. A senhora sabe o que um truanista faz? Já teve uma sessão com algum?

PAULA

Eu sei, assim meio por cima né. Nunca precisei não, e nunca quis também. Nada contra o trabalho de vocês, é que eu lido com as minhas coisas à moda antiga, mesmo.

MÁRCIO

Bem, a minha função aqui é basicamente assegurar que a senhora esteja bem, que não corre risco nenhum, e tentar fazer você se divertir um pouco também.

Márcio e Paula sorriem. Os dois conversam, riem, Márcio faz alguns exercícios de respiração e relaxamento com Paula. O

relógio marca vinte e duas horas quando os dois fazem um intervalo.

MÁRCIO

Dona Paula, onde é o banheiro?

PAULA

A segunda porta à direita no corredor.

Quando Márcio se dirige ao corredor, Paula folheia algumas cartilhas de superação trazidas pelo truanista. Percebe, então, saltando do casaco de Márcio, uma folha escrito "Paula 19h". Paula lê:

PAULA, 47 ANOS, FILHO MORTO

CAUSA: ACEE, ELE E NAMORADO DISCUTIAM QUANDO UM DOS DOIS ANUNCIOU TRAIÇÃO.

NÃO FALAR SOBRE: FILHO, NAMORO, JUVENTUDE, SAUDADES, CONDIÇÃO ATUAL, FUTURO.

FALAR SOBRE: NOSTALGIA, TRABALHO, MÚSICA.

Paula, não conseguindo lidar, só consegue ler e reler "um dos dois anunciou traição", repetindo em voz alta. Começa a chorar, tremer e se desesperar, tendo taquicardia, sinal inicial da ACEE. Começa a berrar chamando por seu filho; Márcio vem correndo para atender, mas já é tarde. Paula morre em seus braços.